

RESPONSABILIDADE É UM BEM QUE SE CONSTRÓI

RESPONSIBILITY IS A GOOD WHICH BUILDS

RESPONSABILIDAD ES UN BIEN QUE SE CONSTRUYE

Célia Ferreira Carta Winter

Psicanalista. Professora de Psicopatologia e de Psicanálise no Contexto Clínico da PUCPR. Mestre em Psicologia Clínica pela UTP; Mestre em Filosofia pela PUCPR; Doutoranda em Psicologia Clínica pela PUCSP. Coordenadora do Curso de Pós Graduação lato sensu em Psicologia Clínica – Abordagem Psicanalítica da PUCPR. celiafcw@gmail.com

RESUMO

Tendo em vista que a estruturação psíquica do sujeito como suporte das relações sociais depende dos modos de relação da criança com os pais, tecemos uma discussão sobre as funções parentais na família e na cultura. O artigo discute as relações conflituosas do homem com a civilização e a renúncia pulsional, que para a psicanálise é tributária do tornar-se humano. As mudanças nas configurações sociais e nas formas de subjetivação dos sujeitos na contemporaneidade nos advertem quanto à importância da interlocução entre direito e psicanálise, campos do saber no qual a responsabilidade tem especial relevância. A responsabilidade só pode ser juridicamente esperada se foi antes internalizada. Responsabilidade subjetiva é a condição do sujeito ético.

Palavras-Chave: Sujeito; Violência; Responsabilidade; Subjetividade; Psicanálise e Direito.

ABSTRACT

Considering that the subject's psychic structure, support social relations, depends on the modes of relationship of the child with the parents, we make a discussion on parental roles in the family and culture. The article discusses the conflicting relations of man and civilization and the pulsatory disclaims, that psychoanalysis is the tax to become human. Changes in social settings and in the forms of subjetivising the person in contemporary times to warn about the importance of dialogue between law and psychoanalysis, fields of knowledge in which responsibility has particular relevance. The responsibility can only be legally expected if it was internalized, subjective Responsibility before is the condition of the subject of ethics.

Keywords: Subject; Violence; Responsibility; Subjectivity; Psychoanalysis and law.

RESUMEN

Con enfoque en la estructuración del sujeto mental como apoyo de las relaciones sociales depende de los modos de relación del niño con los padres, hicimos una discusión sobre las funciones parentales en la familia y en la cultura. El artículo trata sobre las relaciones conflictivas entre el hombre y la civilización y la renúncia pulsional, que para el psicoanálisis es afluente del ser humano. Los cambios en las configuraciones sociales y en las formas de subjetivación de los sujetos de la contemporaneidad nos advierten de la importancia del diálogo entre el derecho y el psicoanálisis, campos del conocimiento en el que la responsabilidad es de particular importancia. La responsabilidad sólo puede ser legalmente prevista si antes fue internalizada. La responsabilidad subjetiva es la condición del sujeto ético.

Palabras-Clave: Sujeto; Violencia; Responsabilidad; Subjetividad; Psicoanálisis y Derecho.

Em verdade temos medo. Nascermos no escuro.

As existências são poucas: Carteiro, ditador, soldado. Nosso destino, incompleto...

Carlos Drummond de Andrade.

INTRODUÇÃO

A violência não tem estatuto de conceito psicanalítico. Freud teorizou sobre a agressividade, o trauma, a pulsão de morte, conceitos que se entrecruzam com a questão da violência, mas não diretamente. Tema cada vez mais estudado nos diversos campos do saber, da sociologia à psicanálise, passando pela antropologia, pela filosofia, pela ciência política, tendo em cada um, sentido próprio. Largamente discutida como um fenômeno atual, exposta a exaustão pela mídia, resulta em discurso que, muitas vezes, a reduz à objetividade de estatísticas. Tema dos Direitos Humanos, da política e da polícia, invade campos antes considerados mais protegidos, como a escola. A psicanálise não é alheia a essa temática. Não se pode esquecer que a concepção de homem, em Freud, comporta a pulsão de morte e a agressividade, e em Lacan, a estruturação do eu e a entrada do humano na linguagem.

A relevância dessa temática se evidencia em diferentes escalas de grandeza, ao se impor cada vez mais, no laço social, nas relações pessoais, familiares, profissionais ou políticas.

A etimologia da palavra violência introduz, por um lado, o sentido de uma força vital, vigor, potência e, por outro, o emprego da força que impele para a ruptura de limites, para o excesso, para a crueldade e o abuso de poder. Assim, violência é ato. Atuação. A violência é então a transgressão da ordem instituída, não apenas de uma ordem legal, jurídica, representada anteriormente por uma máxima que poderia ser descrita como “nada de excessos”.

TORNAR-SE HUMANO

Freud publicou o texto *Mal-estar na Civilização* em 1930, época de grande agitação mundial, na qual as consequências da 1ª Guerra Mundial ainda se faziam presentes e o sentimento antissemita influenciava as relações sociais. Muitas das conceituações elaboradas por Freud foram permeáveis a este momento histórico e seus textos, especialmente os de análise social, refletem este período.

Neste texto, Freud argumenta que o sofrimento nos ameaça de três direções diferentes: do nosso próprio corpo condenado à decadência; da ameaça de aniquilamento pelo mundo externo; e das relações estabelecidas com outros homens. Para o autor, a terceira ameaça pode ser a mais penosa, já que o indivíduo só se reconhece como tal a partir da convivência com outros; convivência marcada pela obrigatoriedade do cumprimento de normas sociais e pela renúncia ou repressão de desejos.

Desse modo, é válido concluir que para Freud, (1997) o insucesso de prevenir-se contra o sofrimento, decorrente dos regulamentos impostos por sua entrada na cultura, já determina a parcela da constituição psíquica. Por sua vez, a sociedade, como modo regulamentar da vida entre os indivíduos deve servir a dois objetivos: “o de proteger o homem contra a natureza e o de ajustar seus relacionamentos mútuos” (Freud, 1997). Como não cumpre as promessas de proteção e felicidade as quais se propôs, a sociedade deve ser responsabilizada por uma ampla parcela de sofrimento humano.

A contradição, aqui, consiste em fomentar formas de aniquilamento do indivíduo, seja pela realização de desejos psíquicos e a quebra dos padrões e normas sociais, ou seja, pela aceitação e submissão de condutas sociais e pela repressão do desejo. Para Freud a base do mecanismo das neuroses está na frustração que a sociedade impõe ao indivíduo em nome dos ideais comuns.

As observações sobre a vida interior do indivíduo, sob constante impacto da cultura e da sociedade, foram igualmente desenvolvidas por Erikson, também em um período particular da história recente da humanidade: os horrores da Segunda Guerra Mundial. O autor argumenta que a divisão entre o mundo externo e o mundo interno, presente na teoria psicanalítica, tem sua base na cisão entre o iluminismo individualista e a adesão a um Estado racista e totalitário (Erikson, 1998).

Segundo o autor, os teóricos da psicanálise conseguiram compreender que o treinamento cultural de uma criança não é só importante para o seu ciclo de vida particular, mas para todo o equilíbrio da sociedade, por sua vez determinada por constantes modificações, sejam tecnológicas, sejam históricas.

Os sentimentos manifestados no pós-guerra também influenciaram a elaboração da teoria crítica da sociedade, formulada, em parte, nos Estados Unidos da América, no período do pós-guerra (2ª Guerra Mundial), momento em que foram evidenciadas a intensificação da barbárie e as atrocidades de um grande genocídio.

Mesmo com produções datadas historicamente, podemos encontrar na obra desses autores questões que não pereceram ao tempo e que por seus conteúdos e reflexões sobre o indivíduo, relações humanas, formação e desenvolvimento se fazem atuais, porque a sociedade permanece tendo um papel fundamental na formação dos indivíduos e de suas subjetividades.

No texto *Cultura e Civilização*, Horkheimer e Adorno (1973) estabelecem uma distinção entre os conceitos de cultura e civilização: cultura possui uma conotação de cunho espiritual, enquanto que no conceito de civilização está subentendido o progresso material. O conceito de civilização, para os autores, não se opõe simplesmente ao conceito de cultura, mas se refere a ele no âmbito geral da humanidade.

Os conceitos de cultura e civilização não se separam, antes eles devem ser tencionados em um movimento dialético do mundo exterior, hoje em dia fortemente administrado.

Para Adorno (1971) cultura, formação e educação são termos indissociáveis e estão intimamente ligados aos conceitos de indivíduo e de sociedade na qual se desenvolvem. Cultura possui duas características fundamentais: a primeira é que não há cultura sem sociedade, bem como não há sociedade sem cultura.

Como produto e produtora da vida real, cultura pode ser entendida, também, como o resultado da adaptação humana à sociedade, mas que exige disposição, interesse e reflexão do indivíduo.

A segunda característica, diz respeito ao intermédio realizado pela cultura entre a sociedade e a formação dos indivíduos. Cultura não se estabelece desligada da sociedade

e tampouco ocorre colocada unicamente em uma dada realidade, ela é também produto da experiência, da reflexão e atribuição de significados dos indivíduos à realidade objetiva.

Freud, por sua vez, define cultura como algo que deve servir para proteger o homem das intempéries da natureza e facilitar suas relações interpessoais, mas essa acomodação humana não é tranquila. Em seu texto *O Mal-estar na Civilização*, Freud retrata a contradição entre indivíduo e sociedade, refletindo sobre a impossibilidade de conciliação entre os desejos do indivíduo e da cultura no processo de viver junto, condição social.

Para Freud, assim como para a escola de Frankfurt, se humanizar, isto é, torna-se parte do corpo social, significa renunciar à satisfação instintual, o que para o homem não é se faz sem sofrimento.

Na sociedade moderna, o domínio e a racionalização da natureza que se apoiam, antes de qualquer coisa, na tecnologia, ativam esse ponto sempre conflitivo. Na atualidade, muitas das históricas necessidades humanas de domínio da natureza podem ser racionalmente satisfeitas, contudo, com o avanço tecnológico, criam-se novas necessidades, propiciando uma adesão sem reflexão a uma cultura de consumo.

Tendo em vista a caracterização da sociedade atual, com seus apelos consumistas, claramente percebe-se aqui uma contradição entre formação cultural e sociedade, já que a primeira só seria possível em uma sociedade sem exploração, na qual o indivíduo desenvolveria sua consciência em uma sociedade racional, sendo livre em uma sociedade livre.

A socialização deve ser entendida como um elemento fundamental do desenvolvimento humano, uma vez que homem e sociedade, embora distinguíveis, são inseparáveis, não existe homem sem sociedade e sociedade nada mais é do que a principal produção humana.

Para Horkheimer e Adorno (1973) a socialização foi concebida na base da divisão do trabalho como meio para satisfazer as necessidades materiais de uma comunidade. A convivência entre os homens possibilitaria a cada indivíduo ser útil para si, para os outros e para o desenvolvimento da sociedade. Para os autores os conceitos puros de sociedade e de indivíduo são abstratos.

Desse modo, a vida de cada um depende da convivência com outros homens, que adquire sentido em condições sociais específicas. O conceito de indivíduo não pode ser entendido como algo fechado e autossuficiente, já que é na sociedade que o indivíduo encontra o conteúdo para a elaboração da realidade e de sua subjetividade.

Em sua constituição a socialização humana é mediada, objetivada e institucionalizada determinando o homem em seu processo de individuação. Em síntese, a socialização pode ser entendida como um processo cuja resultante é a formação do indivíduo.

O processo de socialização pode se caracterizar, também, por uma adaptação, não sem sofrimento, do indivíduo ao mecanismo social, necessário para a sobrevivência humana. Esta adaptação propicia uma contradição na formação do indivíduo, na qual pode ocorrer a adesão do indivíduo à sociedade sem a necessária reflexão, ou então, o desenvolvimento da autonomia reflexiva, imbuída da compreensão do papel desempenhado pelo indivíduo na sociedade e suas possibilidades de emancipação.

Em última instância, o surgimento de um indivíduo livre, reflexivo e autônomo é indissociável da socialização promovida por uma sociedade livre e justa, ideal que nos move e impulsiona. No entanto, seguindo a argumentação freudiana, não se pode esquecer que a sociedade impõe ao homem muitos sacrifícios, além das renúncias aos desejos sexuais, ao exigir que o indivíduo se relacione com uma quantidade razoável de outros indivíduos por meio do trabalho e que compartilhe de interesses comuns, ainda que tais relacionamentos sejam contra a sua vontade. Do esforço para o convívio social emerge o estabelecimento de limites para as pulsões agressivas do homem.

O domínio da agressão pelo indivíduo é efetuado por meio do sentimento de culpa que surge não apenas quando este fez alguma coisa má, mas também quando identifica sua intenção de fazê-la. Freud destaca que uma coisa má não é necessariamente ruim, “mau é tudo aquilo que, com a perda do amor, nos faz sentir ameaçados” (Freud, 1997), originando assim ansiedades.

Os indivíduos manifestam esse sofrimento particularmente em contato com figuras de autoridade (pai, mãe, patrão) ligadas às instituições sociais. As instituições sociais, das quais faz parte a família e a escola permitem ao indivíduo o conhecimento objetivo da realidade na qual está inserido.

A FAMÍLIA E A SUBJETIVIDADE

O papel da família e o vínculo materno são tidos por muitos autores como dois fatores importantes à socialização dos indivíduos e à manutenção da cultura.

O desenvolvimento da cultura, para Erikson, está pautado, especialmente, na relação adulto-criança, na qual se dá a transmissão de cultura e a instrumentalização do indivíduo para o processo de socialização.

Para a psicanálise, a família é o *locus* privilegiado do desenvolvimento e estruturação da personalidade, possuindo primordial responsabilidade no processo de socialização, individuação e formação de seus membros.

Na família, a criança começa a realizar as identificações primárias que terão fundamental importância no seu desenvolvimento egóico, por meio das quais integra fragmentos das identificações e expectativas de sua cultura, sendo as experiências familiares essenciais na formação da identidade e da personalidade.

A socialização primária aqui adquire o devido destaque na constituição da personalidade dos indivíduos, na qual tem influência não só as posturas dos adultos significativos, bem como na cultura na qual estes adultos e as próprias crianças estão inseridas.

A identificação que as crianças estabelecem com as figuras de autoridade no interior da família serve como base para formação de sua personalidade e posteriores identificações feitas na fase adulta.

Para Horkheimer e Adorno (1973), a família é um microgrupo primário que, assim como a vizinhança, tem primazia nas primeiras etapas de socialização do indivíduo, no desenvolvimento de sua personalidade e na manutenção de ideais sociais.

Esse entendimento implica destacar a personalidade como um sistema complexo, que inclui uma estrutura psíquica formada e transformada no processo de desenvolvimento do indivíduo, em uma determinada sociedade.

O conceito de personalidade é histórico e recebe significado na cultura em que está inserido. Adorno (1995), afirma que personalidades eram consideradas as pessoas com condecorações e faixas; definição em que está implícita a ideia de pessoa forte que procura sua conservação por meio da adaptação.

Adorno argumenta ainda que a desvalorização do conceito de personalidade como “antiguidade” constitui uma regressão social. Embora sobre forte influência ideológica em sua definição, no conceito de personalidade está colocada a força do indivíduo, com possibilidades de autonomia e reflexão. A personalidade na perspectiva da psicanálise é resultante da herança biológica que trazemos ao nascer, do temperamento, regulação bioquímica do comportamento e da forma como essas potencialidades são acolhidas pelo outro parental. O bebê humano, na sua prematuração é totalmente dependente do outro humano que o acolhe, cuida e transmite a herança geracional que o insere em uma cadeia simbólica.

Na família contemporânea, as funções parentais sofrem intensas modificações se comparadas à ordem tradicional. Novas formas de conjugalidade e de modos de agrupamento familiar alteram o desempenho das funções parentais. Nem sempre é o pai ou a mãe que desempenham as funções parentais na família; por vezes são babás, os avôs ou ainda a escola berçários, saída de pais sem condições de estarem com os filhos.

O grande problema que muitas vezes se observa é quando essa ausência não é só física. Não ter tempo de estar com os filhos é uma contingência da atualidade, cada vez mais acelerada, porém a presença é uma disponibilidade interna e não se mede pelo tempo cronológico. No lugar da função paterna colocam-se as tecnologias, os remédios, o especialista a quem se demanda o saber-fazer que só se aprende na relação, além do consumo de objetos, como para garantir um destino, um direcionamento para a loucura que é viver.

Pais desorientados quanto à sua função de transmissão dos limites que nos humanizam, em algumas situações se deixando dominar pelo filho que, na ausência da função paterna, acaba por ocupá-la, a um enorme custo psíquico.

A família atual, caracterizada pela descentralização do poder paterno, cedeu lugar para um contexto em que a mulher papel fundamental. Muitas vezes, é em torno da mãe que estão as "famílias recompostas" ou "monoparentais", além da mulher de hoje poder prescindir do homem para gerar filhos e criá-los (Roudinesco, 2003). Poder prescindir no sentido objetivo do termo, não autoriza essa operação a nível psíquico, cujo custo será uma estruturação vacilante que cobrará a conta em algum momento da existência. Importante ressaltar, por outro lado, que o fundamental para a estruturação psíquica é que a função

paterna, isto é, a função de transmitir a interdição e a lei, se realize independente de quem encarna essa função. O pai como função não necessariamente se confunde com o pai biológico.

Conforme Roudinesco,

“O pai é aquele que toma posse do filho, primeiro porque o sêmen marca o corpo deste, depois porque lhe dá seu nome. Transmite, portanto ao filho um duplo patrimônio: o do sangue, que imprime sua semelhança, e o do nome – pronome e patronímico, que confere uma identidade, na ausência de qualquer prova biológica (...)” (Roudinesco, 2003, p. 22).

Ressalta-se que tomar posse do filho é antes de tudo um ato simbólico, pois enquanto o laço materno decorre de uma dimensão natural, baseada no corpo e nas vísceras, o laço paterno introduz a dimensão da alteridade. Ele supõe a crença na palavra. Mãe é certa, pai é um ato de fé.

Não se trata de fazer apologia aos valores da família, mas de indagar como estão sendo construídas para as crianças as referências paternas e maternas na família contemporânea.

RESPONSABILIDADE EM UM MUNDO DESCOMPROMISSADO

A responsabilidade em psicanálise não diz respeito somente ao cumprimento da norma jurídica, ela está relacionada aos modos de resposta subjetiva. Portanto, é preciso verificar as formas como o sujeito aparece, os modos como responde as situações sejam no cotidiano do trabalho, nas relações afetivas, seja na solidão ética de uma decisão. Sempre poderá responder conectado ao campo do Outro ¹, ou ao contrário,

¹ O Outro na psicanálise laciana é um conceito fundamental. Escrito em maiúscula representa o Outro do simbólico e diferencia-se do outro, em minúsculo, do registro imaginário. Para maiores desenvolvimentos *Iusgentium*, v.10, n.5 - jul/dez - 2014

desconhecendo o outro, como aquele que lhe faz barreira. É isso que deverá ser levado em conta na responsabilidade, já que, para Lacan, o homem só é reconhecido “por seus semelhantes através dos atos cuja responsabilidade ele assume” (Lacan, 1950).

Seguindo Freud, que considera a cultura resultado da renúncia à satisfação pulsional, pode-se afirmar que vivemos um momento histórico, particularmente preocupante, pois renúncia é um atributo cada vez mais em falta, nas prateleiras do convívio social. É sempre difícil medir o impacto, no coletivo, das escolhas individuais, mas certamente o preço dessa não observância tem se feito sentir em todas as esferas da vida.

A dificuldade em renunciar as pulsões, por outro lado, evidencia o resto de nossa natureza animal, indomada, em busca de satisfação, sempre que possível afirmando nosso domínio sobre tudo e todos que nos restringe.

Diante da profusão de objetos ofertados para o gozo, Jacques-Alain Miller (2004), sustenta que o sujeito contemporâneo, ao contrário do que se afirma, não é um desorientado em função da inexistência do Outro, ao contrário, sustenta Miller, ele continua orientado, não mais pelo Outro, mas pelo objeto.

No dizer de Maria José Gontijo, a consequência não podia ser outra que o declínio dos ideais e ascensão dos objetos de consumo. O objeto como falta era buscado no campo do Outro, porque ele se constituía como alteridade. Se o Outro não se articula como um campo de alteridade, quando o estranho é avistado, é preciso eliminá-lo. Isso está de acordo com a profecia de Lacan da escalada do racismo (Lacan, 1973).

Para exemplificar esse movimento, ressaltamos o aumento dos crimes onde o corpo é o objeto – na forma de espancamentos, lesões corporais e, mesmo, homicídios – principalmente entre os jovens. Ressaltamos também os casos de adolescentes que expõem seu corpo de forma mortífera, para ser golpeado, ou ainda o aumento do número de crimes ditos imotivados. Trata-se de atos que demonstram muito mais uma desordem pulsional, que se apresenta na forma de atos de violência. Esses atos podem ser tomados como provenientes do real, conceito que em Lacan, encontramos como enquadre teórico, a partir do qual podemos pensar o trauma como inassimilável.

conceituais: Dicionário de Psicanálise – O legado de Freud e Lacan editado por Pierre Kaufmann, pag 385 a 387.

A pergunta é: como sustentar a responsabilidade do sujeito num contexto de sintomas sociais? A essa pergunta, acrescenta-se à formulada por Maria José Gontijo: como sustentar a responsabilidade na época do Outro que não existe, em uma época que se preconiza a satisfação sem restrições? Com essa indagação é possível ler na gazeta do Povo de quarta-feira, 16 de julho de 2014, a seguinte matéria: Mais de 5 mil embriões sem destino. Em 2013, clínicas tinham mais de 38 mil embriões congelados. A ANVISA não soube dizer para onde foram todos esses embriões ou o que foi feito deles, ou de quem é a responsabilidade. De acordo com Ricardo Beck, diretor do centro de Reprodução Humana de Curitiba são embriões cujos donos assinaram o termo de consentimento de doação, mas o material não foi doado na prática, ficando sem um destino.

Andreya Navarro (2007) argumenta que “a ciência e sua avassaladora capacidade de gerar inovações tecnológicas (...) camufla os riscos, pela conquista científica apresentar-se como libertadora do destino da humanidade, influenciando julgamentos e escolhas”. O corpo que a linguagem compõe é decomposto pela ciência, despedaçado pelo seu saber, repartido e transformado em objeto.

Guardada a devida diferença, como não lembrar o julgamento de Adolf Eichmann, citado por Hannah Arendt, que dizia estar cumprindo ordens. Na era da Biotecnologia, não da ciência, mas da tecnologia com o seu furor de produção, a ciência pode se apresentar em sua face violenta.

No Seminário XVII, no capítulo “Os sulcos da aletosfera”, Lacan faz observações importantes a respeito da produção que envolve a ciência e as suas ressonâncias na esfera do sujeito.

Se *troumatisme*² foi o termo criado por Lacan, para referir-se ao buraco no interior do simbólico, e o sintoma é a resposta do sujeito ao traumático real, quando o sintoma na ciência não pode ser outra coisa além de um dado redutível a um número, (quantas pessoas há no mundo com depressão; quantas pessoas reagem “bem” a determinado medicamento etc.) ou quantos embriões estão à espera do que fazer com esse resto, temos a nova segregação preconizada por Lacan.

² De acordo com Pierre Kaufmann (1996. P 558) traumatismo se aplica à ocorrência externa que atinge o sujeito, trauma, ao efeito produzido por essa ocorrência no sujeito, e mais especificamente no domínio psíquico.

É nesse aspecto que é possível tomar a ciência na evolução das técnicas, transformada em aplicação, em tecnociência, operando em uma quantificação eficiente, que nada quer saber do Outro. E, no dizer de Fernanda Otoni “ao dispensar o laço a esse Outro a quem não mais se crê, se alcança a solidão da massa.”

Freud opôs Eros a Tanatos, Lacan, a Violência a Fala, e Carlos Drummond de Andrade: Carteiro, ditador, soldado. Cabe a psicanálise dirigir-se ao sujeito do inconsciente, ao direito referir-se ao cidadão, e ambos, colocarem-se como carteiros, introduzindo sempre a responsabilidade onde tudo é Poder.

CONCLUSÃO

Freud e Lacan (1999) abordam de maneira profunda o processo de constituição da cultura, e é nítido que para ambos o sentimento de culpa é parte essencial dessa formação. Freud apresenta o sentimento de culpa como o problema mais importante para a formação da cultura, e que este se caracteriza por um profundo desejo não satisfeito, reprimido, não aceito socialmente, é a tensão entre superego e o ego e se expressa pela necessidade de punição. Afirma que os indivíduos pagam um elevado preço para preservar a Civilização, uma perda de felicidade pela intensificação do sentimento de culpa.

Lacan (1999) aborda o sentimento de culpa com o conceito de má consciência, “profunda doença que o homem teve de contrair sob a pressão da mais radical das mudanças que viveu - a mudança que sobreveio quando ele se viu definitivamente encerrado no âmbito da sociedade e da paz”.

Lacan afirma que todos os instintos que não se descarregaram, volta-se para dentro como sentimento de culpa, isto ele chama de interiorização do homem, ou seja, sua alma.

Portanto para ambos o sentimento de culpa seria o reviramento da agressividade do indivíduo contra ele mesmo. Ambos também relatavam o quanto a relação de um indivíduo com o outro, relação esta necessária para a criação e manutenção de uma sociedade e de sua cultura, é dura, difícil e desgastante. O conviver com esse outro, tão diferente, é a maior dor e a maior alegria do ser humano.

E é também essa relação, que para ser mantida, exigiu certos sacrifícios humanos, como a repressão dos instintos, e a criação da memória para fixação de leis e costumes de boa conduta, de boa convivência.

Enquanto teórico da cultura, Lacan salienta a importância da figura do pai e as grandes transformações que se observa ao longo do processo histórico. O sistema patriarcal, fundado na autoridade paterna, desmoronou na modernidade, trazendo consequências para as relações sociais e subjetivas. Essas mudanças modificam a maneira de viver junto e das relações sociais. A violência se apresenta como um novo sintoma social em um mundo no qual a falta precisa ser insistentemente banida vendendo a ideia de que se pode ter tudo? Como crescer com direção, se cada vez mais se propaga a ideia de não haver limites para a felicidade? Como entender um ‘não’ se atualmente dá-se um jeito para sempre haver o ‘sim’?

Viu-se que o conceito de violência em Lacan é tanto biológico quanto físico. Biológico na medida em que a subjetividade é entendida como a luta de cada organismo, de cada célula em particular em ser mais, em expandir-se. Estas se organizam e reorganizam hierarquicamente, umas dominando e outras sendo dominadas, formando órgãos, sistemas e organismos.

Há o contínuo combate por potência e a conservação do organismo é secundária ao aumento da potência. O conceito também é físico, pois Lacan (1998) esclarece que subjetividade e potência são elementos complementares da força. A intensidade da força provém da potência, e a atividade, da subjetividade.

A partir do combate, os elementos de um determinado campo de forças chegam a outras quantidades de potência. Assim, nunca há o equilíbrio. O modo de produção de cada força a leva para dois grupos diferentes: o do senhor ou o do escravo.

O homem para se humanizar teve que dominar a natureza e a sua própria natureza, deixando de viver instintivamente, para viver em sociedade. Para isso, criou leis e costumes. Aprendeu a avaliar o mundo e a si mesmo.

Criou relações de credor e devedor. Para que as leis fossem mantidas e para que não houvesse sofrimento, caso uma promessa não fosse cumprida, cada homem criou a sua memória da vontade, que consiste em um conjunto de promessas que serão cumpridas para que não seja necessária a punição.

A lei civil tira do homem a possibilidade de vingar-se, o credor não mais pode descontar sua raiva no devedor diretamente. A justiça se encarrega de punir. Isso em função da civilização substituir o poder do indivíduo pelo poder da comunidade.

A civilização é pensada por Freud (1930) como um modo de proteção do desamparo infantil e da angústia decorrente deste tem na crença na divindade, em Deus um substituto do pai protetor da infância.

Contudo, atualmente, a posição do pai enquanto um Deus que protege é questionada. A imagem do pai está socialmente fragilizada e a consequência se observa em novas formas de subjetivação e nas formas de se enfrentar o desamparo. As toxicomanias, anorexias, bulimias, depressão e a excessiva medicalização da dor de existir é um reflexo, dentre tantas outras formas encontradas pelo sujeito atual para evitar o sofrimento e o desamparo, inerente à vida.

Na medida em que se aprofundam e cristalizam os processos de tecnificação e racionalização de inúmeros aspectos do cotidiano humano, a capacidade de reflexão, contestação e pensamento é resumida ao consumo de mercadorias produzidas por esses mesmos processos.

Adorno e Horkheimer também apontam que é essa racionalização dos instintos (que é fruto dialético da história e que na visão lacaniana deu-se por meio da subjetivação do castigo e do sacrifício) conduziu os indivíduos a uma falsa sensação de felicidade, uma “feliz apatia”, que os impede de viver sentimentos de dor e sofrimento, afetos que são inerentes a vida humana.

Com o advento da globalização, impulsionada pelo avanço das tecnologias da informação, o esvanecimento das fronteiras de mercado no mundo globalizado celebraria o fim da segregação. Esse ponto de mira no horizonte do ideal não aconteceu, ao contrário, quanto mais se apaga as fronteiras, paradoxalmente novas exclusões se apresentam. Nesse cenário o fortalecimento dos laços sociais, fundamento da vida em comum é um exercício que ganha cada vez mais importância.

A responsabilidade, conceito fundamentalmente ético para a psicanálise e para o direito, é uma necessidade de cada um e de todos nós. Nas sociedades democráticas, o direito é a invenção humana cuja função é dirimir os conflitos entre os homens. A psicanálise, nesta parceria, adverte que como nunca estamos no momento de fortalecer a

responsabilidade subjetiva, mais do que a culpabilidade, e isso se faz desde os primeiros momentos da estruturação psíquica.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor. Educação e emancipação. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2000.

_____, Theodor. Temas básicos da sociologia. São Paulo: Cultrix, 1973.

ANDRADE, Carlos Drummond. O medo in A Rosa do Povo (1945). São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

ERIKSON, Erik H. O ciclo de vida completo. Porto Alegre: Editora Artmed, 1998.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1997.

HORKHEIMER, Max, ADORNO, Theodor. Dialética do esclarecimento. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 1997.

KAUFMANN, Pierre. Dicionário Enciclopédico de Psicanálise: O legado de Freud e Lacan. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

LACAN, Jacques O Seminário, livro 17, O avesso da psicanálise (1969-1970), Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

_____(1973) Televisão, in Lacan, J. Outros Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

MILLER, J. (2004) Uma fantasia, in Revista Opção Lacaniana, nº 42. São Paulo: Edições Eólia, fevereiro de 2005, p. 7-18.

RESPONSABILIDADE É UM BEM QUE SE CONSTRÓI

NAVARRO, Andreyra Mendes de Almeida Scherer. O obscuro objeto de poder Rio de Janeiro: Editora Lumen Juris, 2007.

ROUDINESCO, E. A família em desordem. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2003.

SALUM, Maria José Gontijo (2009) Crime, violência e responsabilidade na clínica psicanalítica Contemporânea, in revista eletrônica do núcleo Sephora http://www.isepol.com/asephallus/numero_08/artigo_01_port.html.